

# **DEFEITO DE FABRICAÇÃO**

Denisson Palumbo

*"A Igreja diz: o corpo é uma culpa. A Ciência diz: o corpo é uma máquina. A publicidade diz: o corpo é um negócio. E o corpo diz: eu sou uma festa."*

*Eduardo Galeano*

*Ao centro uma máquina. Ouve-se um enorme estouro. Entram as personagens*

MULHER:

- Está com defeito...

HOMEM:

- Deusinho!

MULHER:

- Está vendo?

HOMEM:

- Está assim desde quando?

MULHER:

- Esses estouros estão acontecendo a cada meia hora, mais ou menos

HOMEM:

- Chamou um técnico? Não será uma peça que falta?

MULHER:

- Chamar eu chamei... mas ele não virá há tempo. Temos trinta minutos até ter outro estouro daqueles, talvez maior, pois o anterior, que ninguém ouviu, só eu, foi menor, mas já era o terceiro

HOMEM:

- Eu não sou técnico e não quero ficar como um louco aqui mexendo numa máquina que... espera! E o fabricante?

MULHER:

- Esse é impossível de ver! Impossível!

HOMEM:

- Então, vamos fazer o quê? Isso é complexo demais... complexo...

MULHER:

- Olha só... você perguntou se tem uma peça faltando, não foi? Deve ter... só pode. Então, se você remover todas as peças... depois de desmontada nós achamos a peça

HOMEM:

- Eu desmonto a máquina e você só conta as peças. Isso tudo antes dela estourar?! Vai estourar tudo antes, vai estourar quando o desmonte estiver pelo meio e eu vou perder as mãos, ou a cabeça! Não. Eu não concordo. É um mecanismo muito complexo pra mim

MULHER:

- Agora quer dizer que você... um homem! Tem medo do mecanismo complexo

HOMEM:

- Tenho. Tente sozinha, sozinha você não consegue. Por isso você me chamou. Você é mais medrosa do que eu, além de não saber bem de máquinas, nem de estouros!

MULHER:

- Ah de estouros eu sei, sei que daqui a menos de meia hora vai haver outro e enorme

HOMEM:

- E por quê?

MULHER:

- Se eu soubesse...

HOMEM:

- Não se irrite, vamos esperar o próximo estouro, estaremos em frente na hora e/

MULHER:

- E os estilhaços? Eles vão/

HOMEM:

- Que estilhaços? Não tem nada disso, a máquina está intacta, você não vê?

MULHER:

- Ah... não me irrite!

HOMEM:

- Tente ter outra idéia que não essa de desmontar a máquina que aí eu posso começar a fazer alguma coisa.

MULHER:

- Eu não tenho!

HOMEM:

- Nem eu...

*Silêncio. A mulher move-se para próximo da máquina. Olha por um tempo, sem tocar*

HOMEM:

- Vai ficar só olhando, é?

MULHER

- Sou curiosa!

HOMEM:

- Você está fazendo o que eu disse...

MULHER

- O quê?

HOMEM:

- Isso de ficar em frente da máquina analisando, esperando o/

MULHER:

- É...

HOMEM:

- Eu vou fazer o que quer!

MULHER:

- Não entendi!

HOMEM:

- Vou vasculhar a máquina e desmontá-la

*O Homem mete a mão na máquina, suja as mãos. A Mulher se afasta.*

HOMEM:

- Sujei minhas mãos! Mas vamos lá, agora não é hora de se preocupar com isso

MULHER:

- É...

HOMEM:

- Como são miúdas as peças!

MULHER:

- Cuidado, cuidado com elas

HOMEM:

- Com elas... comigo mesmo não devo ter cuidado? A máquina em ponto de ebulição, quente e com minutos pra estourar e você só se preocupa com o cuidado que devo ter/

MULHER:

- Não se irrite... vamos, não espere o estouro iminente

*O Homem nem olha para a Mulher enquanto fala, está entrando na máquina*

HOMEM:

- Por que você não vem aqui e suja suas mãos também?

MULHER:

- Eu não vou sujar as minhas mãos!

HOMEM:

- Qual problema há na sujeira?

MULHER:

- Nas mãos... o problema é a sujeira nas mãos...

HOMEM:

- Não entendi!

*O Homem encara a Mulher com uma das peças na mão*

MULHER:

- Pare! Isso de desmontar pode ser a derrocada, deixe a máquina intacta!

HOMEM:

- Ah... mudou de idéia... a Lady... não. A Madame, ou melhor, a Senhora, a Senhorita

MULHER:

- Eu não sou uma Senhorita, nem Senhora, nem Madame, nem Lady, eu sou uma mulher, somente... sem status quo qualquer, sem nenhum desses pronomes que mais parecem patentes, sem sequer um nome nessa história ... e se serei por todas, estarei no terço das carpideiras, no meio das rezadeira ou sendo o mal que Lúcifer bota fé. Estúpido rapaz, suspeito de sua perspicácia, será que sabes o que é clitorectomia? Não, não... deixe-me pensar em outra pergunta... mas não responda, fique escutando... Já reparou que bancas de revista são açougues informais? Filé-mignon - púbis. Traseiro - alcatra. Sem falar que ninguém suspeita da diplomacia, da poesia, por onde somos mulheres de apenas prazer. Eu sou mulher e não serei vassala nos seus latifúndios nem dona de casa nos seus cômodos. Não serei uma boneca com manual, mas também não serei uma heroína nem uma megera, tampouco. Como santa, serei mulher, como puta serei mulher e sempre haverá essa vibração da carne e o prazer em ser mulher... (ela se refaz) e não é porque quero manter as mãos limpas para alisar os meus cabelos assim que mereço escárnio, entendeu?

*Ele se cala constrangido. Ela o acaricia, os dois se beijam. A peça cai. Outro estouro.*

MULHER:

- Que estouro, esse, não é mesmo? Maior que o de antes...

HOMEM:

- É um defeito de fabricação...

MULHER:

- É... um defeito dentro do defeito! É... porque esse estouro aconteceu antes do tempo

HOMEM:

- O tempo... não tem tempo. Você que especulou, calculou um intervalo entre um estouro e outro da máquina e... e inventou essa meia hora - que não existe.

A Mulher afasta o Homem em um empurrão, ele eloqüente continua:

- O defeito de fabricação, sim, existe e é evidente, temos ciência dele e ciência também de que não temos condição de resolvê-lo sozinhos, sem um técnico, o fabricante, ou alguém que saiba o funcionamento desta máquina que, aliás, você, eu suspeito, não sabe nem para que a serve, ou mesmo se já é você que a serve, você não faz outra coisa além de especular, calcular como concertá-la... a deixe explodir!

*O Homem se dirige a máquina e a Mulher impede-lhe a passagem.*

MULHER:

- Se soubesse como me atormenta essa idéia... tente compreender!

*A Mulher engole uma lágrima profunda*

HOMEM:

- Você está chorando?

MULHER;

- É possível, é possível. Tudo é possível.

*Ela solta o choro que a seguir, gradativamente, a tomará por inteira.*

HOMEM:

- O quê é?

MULHER:

- Você não compreende a minha mão, a minha máquina,  
não me compreende

HOMEM:

- Sim... eu entendo, mas/

MULHER:

- Mas não compreende, é diferente!

HOMEM:

- Posso tentar.

MULHER:

- NÃO! Não me toque com essas suas mãos sujas,  
não me toque... eu quero que a máquina estoure  
agora, que pare de funcionar para que eu morra!

HOMEM:

- NÃO! Antes de outro estouro eu posso concertar,  
eu posso descobrir a peça que falta, eu acho que é  
uma peça que falta e não um defeito de fabricação  
- deve ser essa!

*O Homem apanha a peça e se enfia na máquina - já não se  
pode ouvi-lo falando.*

MULHER:

- NÃO!

*A Mulher fica muda, mas ainda chorando. O Homem sobe com  
uma peça em cada mão*

HOMEM:

- Fale! Ficou muda, foi? Por quê?

*O corpo da mulher, gradativamente, começa a se mover até  
começar a dançar*

HOMEM:

- AH... vou colocar as peças de volta. Essa  
primeiro! Não, vou botar a outra

*O Homem se atrapalha enquanto a mulher chora muda e dança  
desordenadamente.*

HOMEM:

- Primeiro, a primeira... começar do início..

*O homem vai confiante mexer na máquina. A mulher para de chorar.*

HOMEM:

- Deixe-me ver... hum... essa era a responsável pelos acessos temperamentais, então..

*O Homem retoma, agora com mais destreza recoloca a outra peça. A mulher fala:*

MULHER:

- SIM!

HOMEM:

- Essa pela mudez repentina

MULHER:

- SIM! SIM!

HOMEM:

- PRONTO!

MULHER:

- Você sabe dançar tango?!

HOMEM:

- NÃO!

MULHER:

- E valsa, valsa você sabe?

HOMEM:

- Não sei dançar nada.

*Ela o tira para dançar transbordando de alegria.*

HOMEM:

- Eu não sei dançar... e você parecia saber tanto quanto eu há pouco. Aprendeu quando?

MULHER:

- Aprendi ainda menina.

HOMEM:

- Então quando tiro uma peça da máquina, a mulher desaprende algo de menina?

MULHER:

- É possível. Tudo é possível, tudo é possível..

HOMEM:

- Eu não quero dançar mais... eu não sei dançar.

MULHER:

- Dance comigo como num baile de debutante.

HOMEM:

- Pode voltar a ser mulher? Amansa essa menina.

MULHER:

- Por que você não vira um menino?

HOMEM:

- Não tenho tempo para isso... eu já sou um homem

MULHER:

- Eu sofro de juventude!

*Estouro da máquina, em seguida estouros menores entre intervalos de segundos.*

HOMEM:

-Eu envelheço! Amoleço. Sou o homem, entretanto... mulheres e crianças primeiro! Depois eu passo... depois eu posso. Sou o soldado às ordens - de arma na mão - e o marinheiro de olho no leme, ao mando do capitão. Cavei trincheiras, carreguei canhões. Careci carícias em campos de batalha... Fuzil, metralhadora, cruzador, bazuca, bomba, tanque... tudo que é arrasador aproxima-se de mim: homem. Não sou macho, choro e sou preso aos olhos, sem sexto sentido, sem liberdade de suspiro. Sou homem de carne e palavra. Frasco de sêmens... e o resto é silêncio.

O Homem sai de cena.

MULHER:

- Espere! Espere! Espere um pouco... eu só quero dançar.

*A máquina esfumaça e emite ruídos.*

MULHER:

- A máquina está aqui, ainda... com esse defeito de fabricação, com um defeito dentro do defeito... fingir mais pra quê? Ele foi embora. E pior que uma mulher iludida por um homem é uma mulher

iludida por si mesma. Minha máquina não tem defeito nenhum

O Homem volta à cena

- eu vou pôr a peça de volta...

A Mulher não percebe o homem, pois procura alguma coisa pelos cantos.

- Onde foi que escondi? Que memória!

HOMEM:

- O que está procurando?

MULHER:

- Esqueci! O senhor saiu sem motivo.

HOMEM:

- Esqueça! Venha cá!

O Homem agarra a mulher por trás.

HOMEM:

- Eu sofro de juventude também e tenho no peito tanto medo. Minha mocidade arde! Venha acender essa loucura!

MULHER:

- Prefiro a sensatez, o bom-senso...

HOMEM:

- Não fale, não argumente!

MULHER:

- O que você quer?

HOMEM:

- Fazer desse momento terno, eterno

MULHER:

- Fala, argumenta... mente.

HOMEM:

- Assim você me fere.

MULHER:

- Eu te firo?

HOMEM:

- Que castigo horroroso!

MULHER:

- Eu te castigo?

HOMEM:

- Castiga a você mesma, com esse pudor!

A Mulher afasta o Homem e põe o dedo em riste.

MULHER:

- Você sai daqui, deixa-me sozinha com essa máquina prestes a estourar, depois de um discurso sofisticado, volta e vem com um lirismo matreiro, até de rima recheado

O Homem dá o braço na Mulher, ela aceita e eles andam de braços dados como noivos.

HOMEM:

- Diga mais...

MULHER:

- Sim...de rima na ponta da língua.

*O Homem lambe o braço da mulher.*

HOMEM:

- Quê mais?

*Continua a lambe e quando beira ao pescoço, ela amolece.*

HOMEM:

- Quer mais?

*A Mulher suspira. O Homem a vira, eles se beijam, se movem e esbarram na máquina*

MULHER:

- Cuidado com ela

HOMEM:

- Cuidado com ela?

O Homem em uma investida a faz esbarrar novamente na máquina que estoura

HOMEM:

- Venha cá.

*O Homem a suspende pela cintura. Beijam-se e se esbarram mais uma vez na máquina*

MULHER:

- AI! Está quente!

HOMEM:

- Está só começando!

MULHER

- A máquina.

HOMEM:

- Esqueça! Venha cá. Quantas vezes eu vou ter que repetir...

*O homem a beija, entupindo todo seu medo. Os dois vão para trás da máquina. A seguir estouros e gemidos se excedem, enquanto eles se despem e arremessam as roupas. Depois de uma explosão, retornam à frente. Cada um em um lado, vestindo as roupas.*

MULHER:

- Eu tenho que lhe dizer uma coisa.

HOMEM:

- Sobre a máquina?

MULHER:

- É...

HOMEM:

- Que beleza!

MULHER:

- Veja... eu até achei que você ia descobrir, quando eu estava procurando

HOMEM:

- Eu sei.

MULHER:

- Sabe?

HOMEM:

- Acho que vamos achar juntos. Só nos falta descobrir qual a causa desse efeito, ou melhor: qual a causa do defeito, que todo efeito defeituoso tem sua causa.

MULHER:

- Não entendi!

HOMEM:

- Não me expressei bem.

MULHER:

- Mas eu entendi o que queria dizer, ou não.

HOMEM:

- Bem... podemos concertar o/

MULHER:

- Não há defeito de fabricação

HOMEM:

- Não entendi!

MULHER:

- Não há defeito na máquina.

HOMEM:

- NÃO?

MULHER:

- Não, nenhum defeito de fabricação, ou defeito dentro do defeito... nada...

HOMEM:

- Nada é o que eu estou entendendo

*A Mulher sai de cena e volta tão rápido quanto saiu, com uma peça na mão*

MULHER:

- A peça que falta!

HOMEM:

- Você mesma a tirou, a escondeu...

MULHER:

- A esqueci também. Depois de um tempo eu esqueci, estava tão envolvida

HOMEM:

- Esqueceu por que quis, por que quis!

MULHER:

- Porque eu te quero.

HOMEM:

- Sujou suas mãos, não foi?

MULHER:

- E quebrei minha máquina.

HOMEM:

- E tudo isso pra quê?

*O Homem toma a peça da mão da Mulher*

MULHER:

- Não é óbvio?

HOMEM:

- Não retorça a resposta uma com pergunta retórica.

MULHER:

- Foi burrice!  
HOMEM:  
- Por quê?  
MULHER  
- Burrice!  
HOMEM:  
- Não se entristeça por isso - por sua burrice - pois  
por aqui mais se festeja por isso  
MULHER:  
- Eu só queria...  
HOMEM:  
- Eu sei.  
MULHER:  
- Sabe?  
HOMEM:  
- Vamos colocar a peça que falta?  
MULHER:  
- SIM!

*Os dois debruçam-se sobre a máquina e antes que possam  
repor a peça, há um último estouro que espicha neles, bem  
nos olhos, um jato líquido de cor vermelho-gritante.*

HOMEM: (sem desespero)  
- Estou ficando cego  
MULHER: (sem desespero)  
- Estou ficando cega

Eles dão-se as mãos e se olham pela última vez e já  
completamente cegos, dançam

HOMEM:  
- A última coisa que vi foram suas mãos.  
MULHER:  
- A última coisa que vi foi a máquina.  
HOMEM:  
- Não é mais uma máquina.  
MULHER:  
- É... só não serve mais como tal  
HOMEM:  
- Vamos chamar o técnico, ou o fabricante?  
MULHER:  
- O técnico não virá e o fabricante... esse é impossível  
de ver.

HOMEM:

- Agora, até o técnico é impossível de ver - todos são... nós somos.

MULHER:

- Vamos esquecer a máquina? Ela não importa mais.

HOMEM:

- Mas é possível ser uma máquina ainda, o maquinário ainda está nos interiores

Silêncio abissal

MULHER:

- É... é possível, tudo é possível...

HOMEM:

- Vamos colocar a peça que falta

*FIM.*